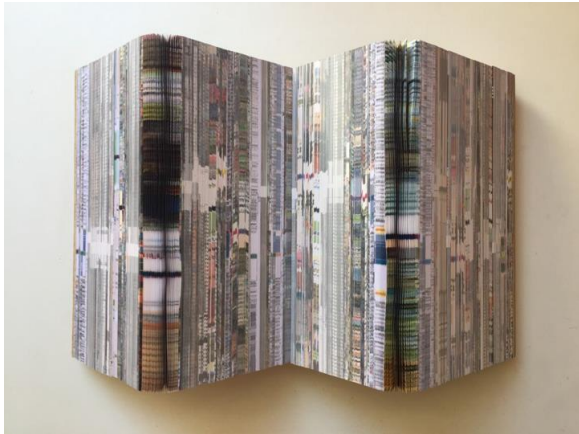


COMUNICADO DE IMPRENSA // GALERIA CAROLINE PAGÈS



Mafalda Santos, *Caderno X*, 2018, papel e madeira, 38 x 58 x 17 cm



António Sena, *Sem título*, 1990, acrílico sobre tela, 73 x 92 cm

Mafalda Santos

Cadernos I – X

(Salas 1, 2, 3)

António Sena

Accrochage

(Sala 4)

Inaugura Sábado, 29 de Setembro das 17h às 20h

29 de Setembro – 17 de Novembro, 2018

Caroline Pagès Gallery
Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.
[Campo de Ourique]
1350-315 Lisboa, Portugal
T [+351] 21 387 33 76
M [+351] 91 679 56 97
gallery@carolinepages.com
www.carolinepages.com

Aberto das 15h às 20h, de Terça-feira a Sábado, e por marcação fora desse horário.

Mafalda Santos | *Cadernos I-X*

A utilização simultânea do papel como suporte e matéria prima tem ganho um relevo particular na obra de Mafalda Santos desde as iniciáticas *Madagáscar* (2006) e *Dados* (2007), fase em que a sua obra tridimensionaliza efeitos gráficos antes extensivamente experimentados em grelhas e mapas pintados sobre chão ou parede. Nestas primeiras esculturas, a artista intervinha no papel no seu estado virgem, imprimindo-lhe, primeiro, uma forma decorrente da aglomeração e composição de resmas; e depois, imagens figurativas (uma palmeira ou os diversos pontos de um dado) impressas nas camadas superficiais desses volumes.

Em 2014, *Alvará* – a sua primeira parede-escultura (que teria formulações análogas em *Anhangabaú*, 2014 e 2018) – marcaria uma viagem oposta: da utilização do papel em formato original ao corte e modelagem da matéria; da impressão do papel ao emprego de papel previamente impresso; da figuração controlada ao resultado casuístico e abstrato das fachadas construídas. Colocados no meio dos espaços expositivos e redefinindo-lhes a circulação, os sucessivos muros eram compostos por tijolos de papel de livros de diversas naturezas, embora de uma única proveniência: o acúmulo de lixo editorial de uma gráfica.

Só em 2015 os 10 principais países produtores de livros (os primeiros dos quais a China e os EUA) lançaram 1 milhão e meio de novos títulos no mundo, um número astronómico a que se somam outros tantos sem isbn. É esmagadora a quantidade de informação gerada apenas por este meio, ainda assim finita relativamente a outras formas de veiculação de conteúdos físicos, como a burocracia ou a publicidade; e sobretudo quando comparados a outros imateriais como a web. Só em Portugal, mais de 100 mil livros são destruídos por ano, prática comum das grandes editoras justificada, entre outros, pelos altos custos de armazenamento dos estoques. O abate deste excedente documental resolve-se na guilhotina.

Como a estratigrafia das formações rochosas procura determinar os processos e os eventos na sua origem para acerrar a genealogia da terra sem, porém, conseguir detalhar as suas vivências; também a leitura das camadas sobrepostas resultantes do corte longitudinal dos blocos de papel usados por Mafalda Santos permite entrever o genoma da informação publicada, através da interpretação de sequências, interrupções e variações, inibindo, no entanto, o acesso direto aos conteúdos. Em ambos os casos, à perda de uma suposta lógica narrativa contrapõe-se a formação de padrões superficiais, moldados e encriptados por forças exteriores – sejam eles a erosão ou a guilhotina – que desvelam, através do mapeamento e esquematização de redes e através do entrelaçamento visual das suas partículas sistémicas indiciais, imagens inéditas com textura e volume.

A construção destas imagens, diferentemente compostas de linhas ou camadas justapostas, segue uma mesma metodologia rigorosa e produz efeitos visuais casuísticos de vincada tridimensionalidade. Contidas que se encontram por matérias reaproveitadas da pintura – estruturas compostas a partir de pedaços de grade utilizadas em estado bruto que dão igualmente corpo aos desenhos de carimbo apresentados (*Cadernos I, II, VII*), devolvem também a performatividade do próprio ato de pintar que é, no trabalho de Mafalda Santos, de execução tão paciente quanto compulsiva: a tarefa impassível de um cientista.

Os objetos-livro que Mafalda Santos inicia com *Cartas para as Icamíabas* (2014) e que assumem particular expressão escultórica na exposição *Cadernos I-X*, propõem na modelação especulativa da matéria obsoleta do livro o enredo perdido do seu miolo. A reconversão da plasticidade e deformação da anatomia do seu contentor original dá-se por experimentação lúdica – mutilando, puxando, empurrando, dobrando e enfolando ângulos e charneiras –, criando-lhe novos e excêntricos formatos e outras tantas possibilidades de apreensão e descodificação. O refilo confunde-se com a borda, que se confunde com a lombada, que se confunde com a capa, que se confunde com a margem, que se confunde com o próprio circuito texto-imagem.

Com uma tridimensionalidade redefinida, os trabalhos de Mafalda Santos revelam paisagens tão misteriosas como os segredos desvelados sob o dourado opaco da pintura de borda ou nas proto-escritas de António Sena. A inscrição de palavras, sinais e signos sem denotação sobre os fundos falsamente monocromáticos convoca e expande o território criptográfico dos cadernos-livro de Mafalda Santos. Jogos de composição e acaso são marcados por uma gestualidade ritmada entre o suave e o enérgico, o denso e o despojado, o vertical e o elíptico, a pauta e a notação. Maestro do traço, do risco e da sobreposição com os quais procede a uma linguagem (e, portanto, a um conhecimento), António Sena é-o também da rasura, do escorrimento e da ocultação com que concorre para o seu apagamento.

Lígia Afonso, Setembro de 2018

Mafalda Santos (PT 1980) Licenciada em Pintura na Faculdade de Belas Artes do Porto. Entre 2002 e 2007, foi programadora do espaço independente PÊSSEGOpráSEMANA, no Porto. Expõe regularmente desde 2001. Em 2007/2008 foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) na residência artística Location One, em Nova Iorque. Foi seleccionada para o Prémio EDP Novos Artistas 2007.

Actualmente gere, juntamente com Manuel Mesquita, o programa de residências artísticas Moinho da Fonte Santa no Alentejo, em Alandroal. O seu trabalho encontra-se incluído nas colecções da Câmara Municipal de Lisboa, de António Cachola, das Fundações EDP, PLMJ e Ilídio Pinho, e do Grupo RAR. É representada pelas galerias Presença (Porto) e Caroline Pagès (Lisboa).

Individualmente expõe: *Mira Técnica* (with Manuel Mesquita), Espaço Mira, Porto, 2017; *Ruído*, Galeria Presença, Porto, Portugal, 2017; *Torrent*, Caroline Pagès Gallery, Lisbon, 2016; *vai e vem e vem e vai* (with

Leila Tschopp), curated by Antonia Gaeta, 3 + 1 contemporary art, Lisbon, 2015; *von der Mühle der heiligen Quelle*, Kunstverein Via 113, Hildesheim, Germany, 2015; *Quarto minguante*, Raum: A Montra/Arte Ilimitada, Lisbon, 2015; *Carta pras Icamias*, Galeria Presença, Porto, 2014; *Alvará*, no espaço A Montra, Calçada da Estrela, Lisboa, 2014; *On Revolution*, Galeria Presença, Porto, 2012; *The Kappa Effect*, Caroline Pagès Gallery, Lisboa, 2011; *The Great Unconformity*, Sala do Veador, Museu de História Natural, Lisboa, 2010; *One day every wall will fall*, Galeria Presença, Porto, 2009; *Tamatave*, Galeria Presença, Lisboa, 2006 e *Too Loud a Solitude*, Mad Woman in the Attic, Porto, 2006.

Na última década tem participado regularmente em diversas exposições colectivas, entre as quais se destacam: Núcleo de Arte Oliva, São João da Madeira, Portugal, 2018; Museu do Neo-Realismo, Vila Franca da Xira, Portugal, 2018; Centre d'Art Contemporain, Meymac, França, 2018; UC Colégio das Artes, Coimbra, Portugal, 2018; Centro Cultural Emmerico Nunes, Sines, Portugal, 2017; Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2017; Galeria Municipal do Porto, Porto, 2017; Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2017; Maus Hábitos, Porto, 2016; Atelier-Museu Júlio Pomar, Lisboa, 2016; Núcleo de Arte Oliva, São João da Madeira, Portugal, 2016; Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 2015; Cristina Guerra Contemporary Art, Lisboa, 2015; Espaço Adães Bermudes, Alvito, Portugal, 2015; Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, Portugal, 2015; Centro Cultural Transfronteiriço do Alandroal, Portugal, 2015; Bienal da Maia, Portugal, 2015; Consulado Geral de Portugal em São Paulo, 2014; Galeria Municipal Almeida Garret, Porto, 2014; Pavilhão Branco – Museu da Cidade, Lisboa, 2012; Galeria Quadrum, Lisboa, 2011; Museu Colecção Berardo, Lisboa, 2010; Lux Frágil, Lisboa, 2010; Plataforma Revolver, Lisboa, 2009; Hospital de São João, Porto, 2009; Bloomberg Office Building, Nova Iorque, 2008; MUDAM Centre d'Art Moderne Gran-Duc Jean, Luxemburgo, 2007; Reitoria da Universidade do Porto, 2007; Fundação Calouste Gulbenkian, 2005 e Fundação de Oeiras, 2005.

António Sena (PT 1941) Enveredou por uma formação técnico-científica, que abandonou rapidamente por um curso de Gravura. As primeiras exposições surgem em 1964, partindo, no ano seguinte, com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, para Londres, onde frequentou a *St. Martin's School of Art* (1965-1966). Neste período londrino recebe influências da arte Pop mas cedo avança para uma linguagem própria, marcada por um gestualismo automático, que parece ensaiar uma espécie de escrita. Procura, por um lado, uma formulação primordial da comunicação através do recurso a elementos gráficos, signos científicos ou simbólicos, por outro, a saturação da tela ou do papel por sinais ou vocábulos estrangeiros, sem relação aparente, aponta para as questões da ilegibilidade e da incomunicabilidade. Nos anos 70, para além dos signos, que articulam letras e números, interessa também a superfície onde estes se inscrevem, recorrendo ao papel pautado ou quadriculado, a telas que imitam as ardósias escolares, numa alusão à génese da escrita, a par de um empenhado trabalho da luz. Na década de 90, são os fundos argilosos/térreos que marcam o seu processo criativo, exprimindo uma pesquisa arqueológica do saber e da linguagem. A sua pintura foi alvo de várias retrospectivas desde a década de 90, destacando-se as exposições organizadas pelo Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (2002) e pela Fundação de Serralves (2003). Em 2003 foi-lhe atribuído o Prémio EDP de Pintura e, em 2011, recebeu o Prémio Amadeo de Souza-Cardoso. Em 2014, João Pinharanda comissário *Newspapers*, uma exposição individual do artista no Museu da Eletricidade.

O seu trabalho encontra-se incluído nas colecções Banco de Portugal, Banco Europeu de Investimento, Banco Português de Investimento, Caixa Geral de Depósitos, Câmara Municipal de Lagos, Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, Colecção Fundação Idílio Pinho, European Investment Bank, Fundação António Prates, Fundação Carmona e Costa, Fundação EDP, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Galeria João Esteves de Oliveira, Ministério da Cultura, Ministério das Finanças, Fundação Serralves, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Museu Calouste Gulbenkian, Museu de Arte Moderna de Sintra, Museu Colecção Berardo, Museu de José Malhoa, Museu Municipal de Gouveia, Parlamento Europeu, Sociedade Nacional de Belas Artes e várias colecções privadas.

Leonor Oliveira (MNAC Lisboa)

Agradecimentos a Célia Cardoso